Cesar, Oldemiro
Camilo castelo Branco

3 1761 07041842 1

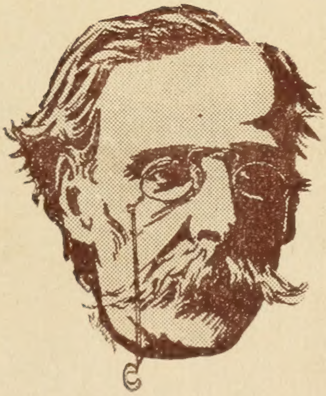
PQ
9261
C3Z643

3$

Oldemiro César

Camilo Castelo Branco

Sua vida e sua obra



SOBRECARGA
20 %

SOBRECARGA
20 %

LISBOA — Imprensa Nacional — 1914

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/camilocastelobra00cesa

Camilo Castelo Branco

Sua vida e sua obra

DESTA EDIÇÃO

ACABADA DE IMPRIMIR NOS

PRELOS DA IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

Aos 30 de Junho de 1914, se tiraram

500 exemplares em papel comum de 1.ª qualidade
10 exemplares em papel Couché
30 exemplares em papel Whatman

Sendo estes últimos

Numerados e rubricados pelo autor

Oldemiro César

Camilo Castelo Branco

Sua vida e sua obra

Conferência realizada na Imprensa
Nacional de Lisboa, em 26 de Abril
de 1914, com o concurso dos actores
* * * do Teatro da República * * *
* Ferreira da Silva e Leonor Faria *

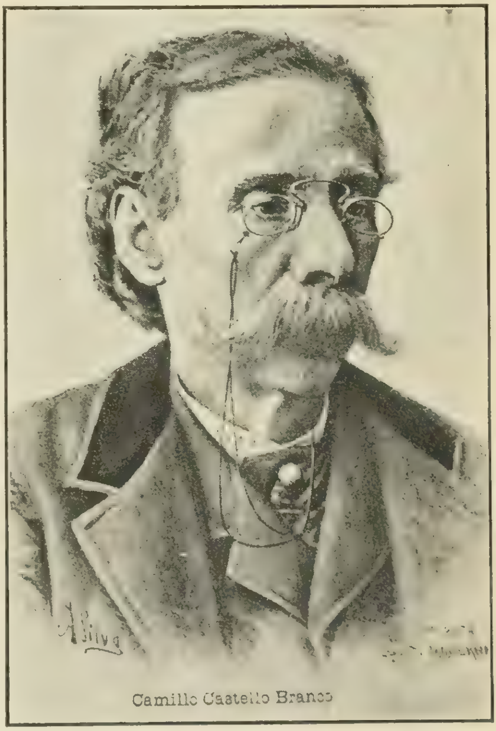
LISBOA — Imprensa Nacional — 1914

LIBRARY
JUN 2 8 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

> *«Quem puder ter a intuìção das minhas dores não me lastime. A minha vida foi tam extraordináriamente infeliz que não podia acabar como a da maioria dos desgraçados...».*
>
> CAMILO.

Minhas Senhoras e Meus Senhores:

Não recordo o nome famoso do humorista francês que prescrevia para a realização duma conferência três cousas principais: um copo de água, alguns ouvintes e um conferente. Em caso de necessidade, acrescentou, o público e o conferente dispensavam-se; o copo de água, êsse era imprescindível.



De um lápis litográfico, de A. Silva—1886

Resume esta *charge* verdadeiramente gaulesa toda a crítica das conferências —praga importada de Paris, onde tudo se paga, mesmo uma conferência— que vai tendo a sua voga em competência com o tango argentino e as saias abertas mostrando o comêço da perna.

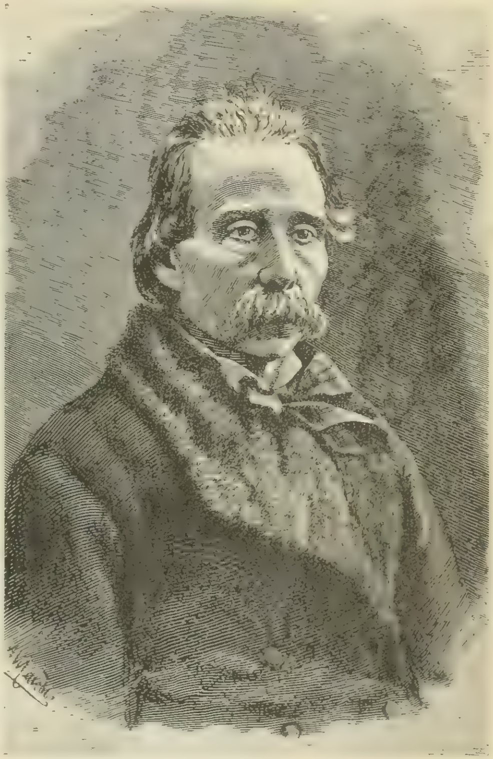
Não quere isto dizer que tantas e tantas prelecções que por aí ouvimos sôbre tantos e tam variados assuntos bem mereçam da ironia do humorista. A educativa campanha da Imprensa Nacional de Lisboa, graças ao superior critério e inteligência com que, há pouco mais de dois anos, foi iniciada e aos nomes ilustres nas sciências, nas artes, na literatura e na política, que nela se prestaram a colaborar, constitui uma admirável excepção à regra de insulsa e estopante sensaboria em que o espírito do nosso irmão de além-Pirinéus inclui todas as conferências.

Não troquei eu, porêm, a minha ignorada cadeira de jornalista por esta de conferente para me incluir na excepção que tam brilhantemente vem confirmar a regra geral. Longe de mim a idea de me considerar sequer capaz de captar a vossa benevolência e poder justificar as palavras de imerecido elogio com que fui apresentado pelo meu prezado camarada Luís Derouet, ditadas apenas pela sua boa e lial amizade.

O assunto que escolhi para tema da minha conferência, antes palestra do que conferência, em demasia escabroso para a minha obscura intelectualidade, ditou-mo a profunda e respeitosa veneração que professo pela memória do maior romancista português, e obrigou-me a versá-lo o gesto generoso e bom do meu camarada Luís Derouet apresentando ao Parlamento um projecto de lei tendente a garantir a subsistência a uma neta solteira de Camilo. A subsistência dos netos de Camilo Castelo Branco, o genial romancista, foi mantida até o passado dia 23 por uma pensão anual de 500 escudos, estabelecida por decreto de 31 de Dezembro de 1906. Com a maioridade do seu neto Manuel, há dias completada, essa pensão deixou de vigorar. Como entre êsses descendentes de Camilo existe ainda solteira uma neta, D. Raquel Castelo Branco, e porque seus irmãos, pelas suas precárias circunstâncias, não podem assumir a grave responsabilidade de cuidar do seu futuro, o deputado Luís Derouet apresentou na Câmara um projecto de lei fazendo transitar para esta senhora aquela pensão, justificando-o no relatório que o precede com palavras de justiça que não é demais repetir-vos:

«*Senhores Deputados:* — O nome glorioso de Camilo Castelo Branco, que por si só bastaria a imortalizar a nossa literatura, foi pela primeira vez invocado dentro do Parlamento Português quando, na sessão legislativa de 26 de Junho de 1885, se discutiu um projecto de lei dispensando o grande escritor do pagamento de emolumentos, direitos de mercê e sêlo, pelo título de Visconde de Correia Botelho, com que foi agraciado em testemunho de preito nacional pelo seu extraordinário talento. Prestou a Câmara, nessa sessão memorável, a sua homenagem ao ilustre escritor, e essa homenagem ficou como a apoteose da sua obra extraordinária e um preito de justiça a que se associaram, indistintamente, todas as facções políticas que nesta sala tinham assento.

Aprovado o projecto, o nome respeitável de Camilo só aqui voltou a ser pronunciado quando, um ano depois, o gabinete progressista trazia à Câmara uma proposta de lei confirmando uma pensão ao filho mais velho do escritor, impossibilitado por doença de trabalhar, como garantia do seu futuro e amparo indirecto a seu pai. E ainda dessa vez, defendido pela palavra de Tomás Ribeiro e Pinheiro Chagas, êsse projecto de lei foi aprovado por aclamação como reconhecimento público dos relevantíssimos serviços prestados às letras pátrias por Camilo Castelo Branco. Mais tarde, na sessão de 2 de Junho de 1890, a Câmara dos Deputados resolvia inserir na respectiva acta um voto de profundo sentimento pela morte do grande mestre da literatura portuguesa, e encerrava a sessão para tornar mais viva a sua pesarosa manifestação. Honrando assim a memória do eminente homem de letras que em S. Miguel de Seide se suìcidou, o Parlamento Português do tempo da monarquia soube honrar-se a si próprio e cumprir um dever, pois que um dever apenas foi a glorificação dêsse insigne escritor. Volveram anos sôbre a sua trágica morte. Ficaram-lhe no mundo dois filhos: um impossibilitado pela loucura de ganhar o pão, outro atravessando uma existência aventurosa, que a sua hereditariedade mórbida justificou, até a hora em que para êle começou também o eterno descanso do túmulo. Aos filhos dêste homem, netos de Camilo Castelo Branco, a braços com a miséria, concedeu o Estado em 1906 uma pensão anual de 500 escudos até completar-se a maioridade do mais novo, Manuel Castelo Branco, o que sucederá



Desenho de Manuel de Macedo, gravura em madeira de Caetano Alberto, cópia do último retrato—1890 no próximo dia 23. Do usufruto desta modestíssima pensão tem até hoje vivido em S. Miguel de Seide, na sua casa empenhada, os netos do maior romancista português. Manuel Castelo Branco moireja no campo, arrancando à terra, de sol a sol, magros proventos que em pouco vem aumentar as regalias usufruídas da pensão. Para seus irmãos a sorte tem sido mais madrasta do que mãe, pois que, adversos por índole e princípios aos trabalhos rudes da lavoura, debalde tem procurado trabalho mais limpo e melhor retribuído que pudesse suprir a pensão do Estado no seu sustento e no da sua família.

Entre as fisionomias torturadas dêstes homens uma doce figura de mulher surge a aumentar-lhes a amargura da existência com a dúvida tremenda pelo seu futuro. É sua irmã Raquel, solteira ainda, meiga amparadora e consoladora dos seus desânimos. Negra perspectiva dum futuro tristíssimo se avizinha agora dos netos de Camilo Castelo Branco; nada menos do que a fome e a miséria, pela suspensão do subsídio de 500 escudos que até amanhã, até o próximo dia 23, lhes garantirá todos os dias o pão na mesa e todas as noites o lume na lareira, nessa casa de Seide onde se desenrolaram as mais intensas scenas do pungente drama que foi a vida do seu ilustre avô.

O Congresso da República Portuguesa, que, ainda há meia dúzia de dias, tam justamente glorificou a memória de Rafael Bordalo Pinheiro concedendo uma pensão à sua família, ponderando estas razões e a imperiosa necessidade de não dar aos netos de Camilo Castelo Branco motivo de se envergonharem um dia de terem nascido portugueses e descenderem do mais ilustre escritor da nossa terra, prorrogando-lhes o usufruto dessa pensão prestará à memória do eminente português a mais justa homenagem e aos seus netos o mais útil e inadiável benefício.

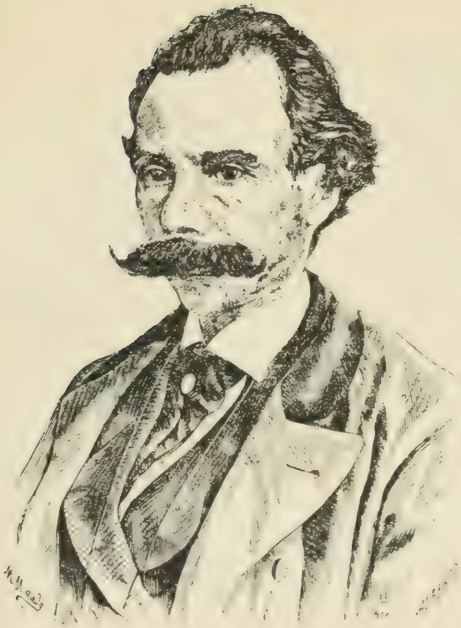
Tal é, Senhores Deputados, o intuito a que visa o seguinte

PROJECTO DE LEI

Artigo 1.º — É concedida, a partir do dia 23 de Abril de 1914, a D. Raquel Castelo Branco, neta do grande escritor Camilo Castelo Branco, emquanto durar o seu estado de solteira, a pensão anual de 500 escudos, por ela e seus irmãos usufruída até aquela data por decreto de 31 de Dezembro de 1906.

Art. 2.º — Fica revogada a legislação em contrário.

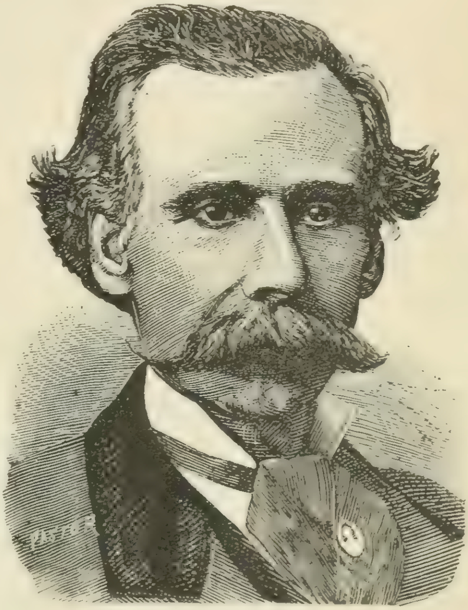
Lisboa, 17 de Abril de 1914. — O Deputado, Luís Derouet.



Desenho de Manuel de Macedo
Gravura em madeira de Caetano Alberto. Data ignorada

Sôbre a hora final da vida física do maior romancista português vão escoados já 24 anos, que parece terem pesado como chumbo na memória dos que o conheceram. Obliterada a memória, fez-se em tôrno do grande morto um silêncio opressor.

Estamos num país fraccionável em três classes irrecusáveis: — a dos analfabetos, que é numerosa, a dos bacharéis, que não é menos densa, e a dos intelectuais, que constitui a parcela menor, ainda reduzível pela subtracção dos medíocres invejosos. É claro que num país desta ordem, a invulgaridade artística, o talento, e o génio passam despercebidos dos parvos, quási sempre inofensivos, mas precisam evitar os colmilhos do bacharelato, porque não há nada mais voraz do que a estupidez faminta do bacharel.



Gravura em madeira de Pastor — 1874

Quanto aos intelectuais, aqueles que vêem normalmente e sentem sem perfídia, saúdam a invulgaridade, aclamam o talento e coroam o génio. Mas, os medíocres aparentemente unânimes, ficarão reprimindo a sua inveja até o momento em que ela possa deflagrar-se a coberto de correctivo condigno.

Há, pois, 24 anos que Camilo Castelo Branco jaz abandonado num coval de empréstimo, de mais a mais obscuro e obsidiante.

E, todavia, Camilo tem irrecusável direito a uma das maiores e mais nobres capelas do Panteom Nacional.

Cérebro prodigiosamente fecundo, só a morte o conseguiu esgotar. ¿Dos que vivem, quem o iguala, quem se lhe aproxima sequer? ¿Quem, melhor do que Camilo, desceu ao âmago da alma portuguesa?

¿Quem conseguiu ainda, transformando a pena em pincel, descrever, com todas as suas tonalidades de côr e cambiantes de luz, os nossos céus, os nossos prados, águas, montanhas, vales, penedias?

O seu espírito de observação era profundo, o seu poder emotivo era imenso. Desfibrando um coração palpitante ou exumando do esquecimento cadáveres seculares, a mesma clarividência o guiava, a mesma firmeza lhe denotava o pulso. Como se fôsse um milionário em busca da ruína prodigalizou em centenas de volumes o ouro da palavra, as gemas do estilo, as scintilações diamantinas do amor e da graça, as facêtas coruscantes da ironia, da dor e do ódio.

Foi temido porque era forte. Foi mordido na sombra porque era incomparável. E ser verdadeiramente grande nesta terra de parvos e de cretinos, é pior que atravessar sòzinho, alta noite, uma selva infestada de bandidos.

Eis, Meus Senhores, a razão do obscurantismo vergonhoso que hoje sepulta o nome do Mestre. Lê-se pouco a sua obra, excepção feita a essa trágica epopeia de amor de seu tio Simão Botelho, aquele curioso tipo de criminoso passional que, no dizer do Mestre,

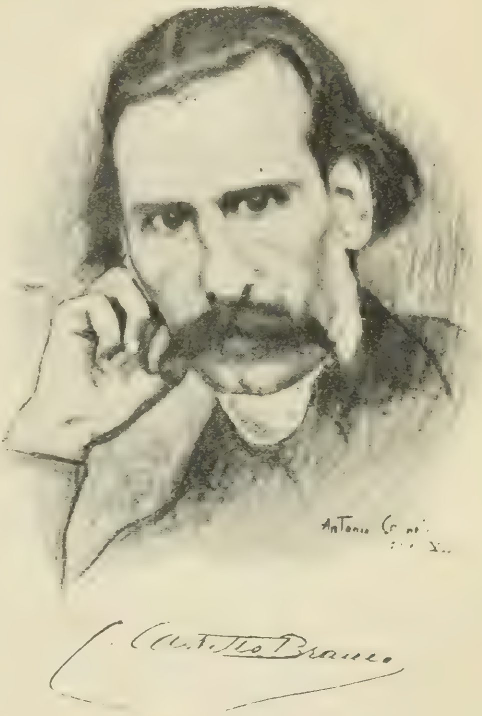
amou, perdeu-se e morreu amando.

E, no emtanto, que maravilhosa obra essa, tam portuguesa, tam nossa, em todos os seus tipos, na paìsagem, no meio social, na própria linguagem bebida nos livros clássicos, aqueles esquecidos e belíssimos alfarrábios, de que Camilo dizia com ternura:

Os livros antigos pagam liberalmente a quem os atura. Não há velhice mais dadivosa e agradecida do que a dêles. Sentam-se connosco à sombra de árvores, suas coevas, e contam-nos cousas que viram os plantadores das árvores. Nos silêncios das noites geadas dos nossos janeiros, êles, que os contam aos centos, aconchegam-se de nós e conversam com o mesmo afecto das tardes estivas, embora o frio lhes esteja orvalhando os pergaminhos das capas. ¡Óptimos amigos, que nem quando nos adormecem se agastam e até sofrem ser ouvidos sem ser escutados!

Respondendo a um inquérito sôbre qual seria o melhor livro português dos últimos 30 anos —estranho inquérito êsse pela natureza exclusiva da pregunta, como se uma craveira houvesse para medir o valor comparado das obras de arte— um ilustre homem de sciência, crítico de arte e literato de alto valor, com cuja amizade muito me honro, o Sr. Dr. Ricardo Jorge, defendia para os livros de Camilo a primazia da superioridade a todos os escritos portugueses, num admirável trecho de prosa que de todo o coração aplaudo. Tem razão o ilustre sábio, o que não obsta a que poucas opiniões venham em auxílio da sua, com o que aliás ela nada perde, valorizada pelo isolamento que a livra do convívio de más companhias.

Poucos tem sido os escritores portugueses que da obra de Camilo se tem ocupado. Na lista reduzida figuram apenas os nomes de Teófilo Braga, Ramalho Ortigão e Pinheiro Chagas, nos admiráveis prefácios da edição monumental do *Amor de Perdição;* Fialho em três artigos soberbos da *Revista Ilustrada;* Silva Pinto; Alberto Pimentel; Vieira de Castro; Henrique Marques, o paciente compilador da *Bibliografia Camiliana;* Paulo Osório; Melo Freitas, que estudou os seus últimos momentos; Pedro de Azevedo, que investigou dos seus antepassados; o padre Sena Freitas; Alberto Pimentel, filho, que escreveu a *Nosografia de Camilo;* e mais recentemente o visconde de Vila Moura, que nos dá, no seu *Camilo inédito,* uma magnífica colecção de cartas camilianas por êle anotadas; o poeta Jaime Cortesão, que estudou Camilo em três conferências promovidas pela *Renascença Portuguesa;* e o Sr. Dr. Jorge de Faria, que nos seus *Criminosos e degenerados em Camilo* realizou um esplêndido esboceto de camiliana criminal[1].



De uma *sangüínea* do pintor António Carneiro

---

[1] À data de rever as provas tipográficas dêste trabalho mais uma obra se publicava sôbre Camilo, três volumes de excerptos da sua obra coleccionados pelo Sr. Sérgio de Castro. Do mesmo passo o meu prezado amigo e ilustre professor Sr. Dr. Lopes de Oliveira ofertava-me o seu estudo sôbre Camilo, que reputo trabalho consciencioso e de valia.

Camilo Castelo Branco à sua qualidade de grande escritor aliou a desventura de ter nascido em Portugal juntamente com o infortúnio que sempre o perseguiu. Romântico por temperamento, duma sensibilidade estranha, o seu carácter extremamente afectivo fez da sua vida um verdadeiro romance. Páginas em fora dos seus livros que são, mais do que valiosas obras de arte, um precioso escrínio de quanto há de mais clássico no riquíssimo vocabulário português, o grande escritor deixa transparecer pedaços da sua biografia, que o leitor pode, querendo, fàcilmente reconstituir.

Nascido em Lisboa, no Largo do Carmo, em 16 de Março de 1825, começou para êle o deslisar cruel duma vida de aventuras e de luta, que uma nevrose hereditária exacerbou com tortura até o arrastar ao terrível ponto final do suicídio. A primeira, a incomportável desgraça que o feriu, foi a morte de sua mãe, D. Jacinta Marta Rosa de Almeida do Espírito Santo,

... mártir que passou

como êle diz numa poesia inserta em *Um livro*.

Camilo era filho natural de Manuel Joaquim Botelho Castelo Branco, cavalheiro de Vila Rial, e foi baptizado em Lisboa, na igreja dos Mártires, sendo seu padrinho o Dr. José Camilo Ferreira Botelho e madrinha Nossa Senhora da Conceição. Os dez primeiros anos da sua vida passou-os êle em companhia de seu pai, freqùentando uma escola de primeiras letras do mestre João Inácio Luís Minas Júnior.

No perfil biográfico do visconde de Ouguela, seu condiscípulo nesta escola, diz Camilo:

Naquele ano de 1834 nos encontrámos. Meu pai morreu. E como eu já não tivesse mãe nem fôsse inteiramente pobre, a desgraça deparou-me parentes em Trás-os-Montes onde vim a entender que não há lágrimas bastantes a deplorarem o destino dum órfão com oito anos de idade, e as faces quentes e húmidas dos últimos beijos e das últimas lágrimas de seu pai.

Noutro livro, *Duas horas de leitura*, encontramos o seguimento da narrativa desta catástrofe:

Aos meus dez anos levantou-se uma tempestade no seio da minha família. Uma vaga levou meu pai à sepultura, outra atirou comigo de Lisboa, minha pátria, para um torrão agro e triste do norte.

Êste torrão agro e triste era uma aldeola de Vila Rial. Para lá embarcou Camilo, acompanhado por sua irmã e uma criada, no vapor *Jorge IV,* por deliberação do conselho de família.

Dos bens de seu pai nada lhe tocou. *Dura lex...*

Foi bem pregada peça, diz êle, *para que eu não tivesse a impudência de nascer, a despeito da moral jurídica, filho bastardo de não sei que nobre. Disseram-me que uma lei da Senhora D. Maria I me deserdava. A boa da rainha, se tivesse amado mais cedo um certo bispo, não legislaria tam cruamente para os filhos do pecado.*

A criada que acompanhou Camilo na sua viagem de Lisboa a Vila Rial passou à posteridade na prosa inconfundível do Mestre. Chamava-se Carlota Joaquina: *era uma mulher gorda e frescalhona que bolsava os fígados do beliche abaixo, e gritava «à del-rei», de aflita com o enjôo.*

De uma fotografia — 1860

Tinha razão para afligir-se a Sr.ª Carlota Joaquina. Uma tempestade sacudiu violentamente o vapor, obrigando-o a arribar a Vigo para não ir despedaçar-se de encontro às penedias da perigosa costa norte. O safar-se o barco a salvo de tam perigosa jornada incutiu no espírito religioso da boa velhota a idea de transitar pelo Bom Jesus do Monte em romagem piedosa de agradecimento ao Senhor que apazigua as tempestades e dá ânimo e esperança aos corações que crêem.

Uma vez em Vila Rial encaminharam-se para a obscura aldeia da Samardã, onde iam residir e onde Camilo devia começar a sua educação literária na companhia amorável do padre António de Azevedo, cunhado de sua irmã. Com êle ia aprender latim, cantochão, e ler Fernão Mendes Pinto e Luís de Camões. A êste sacerdote exemplar dedicou Camilo um dos seus melhores romances, *O bem e o mal*. Na sentida carta que lhe dirige, como dedicatória, Camilo recorda com saùdade os anos que viveu na companhia dêsse padre e pregunta-lhe se ainda se recorda *daquele incorrigível rapaz de 14 anos que ia à venda da Serra do Mésio jogar a bisca com os carvoeiros, e a bordoada muitas vezes.*

Êsse rapaz sou eu; é êste velho que lhe escreve aqui do cubículo dum hospital, muito vizinho ao cemitério dos Prazeres. Eu sou aquele a quem padre António de Azevedo ensinou os princípios de solfa, e as declinações da arte francesa. Sou aquele que leu em sua casa as «Viagens de Ciro», o «Teatro dos Deuses, os «Lusíadas», as «Peregrinações» de Fernão Mendes Pinto e outros livros, que foram os primeiros. Sou aquele que, sem saber latim, rezava matinas, laudes, têrça, sexta, etc., com padre António.

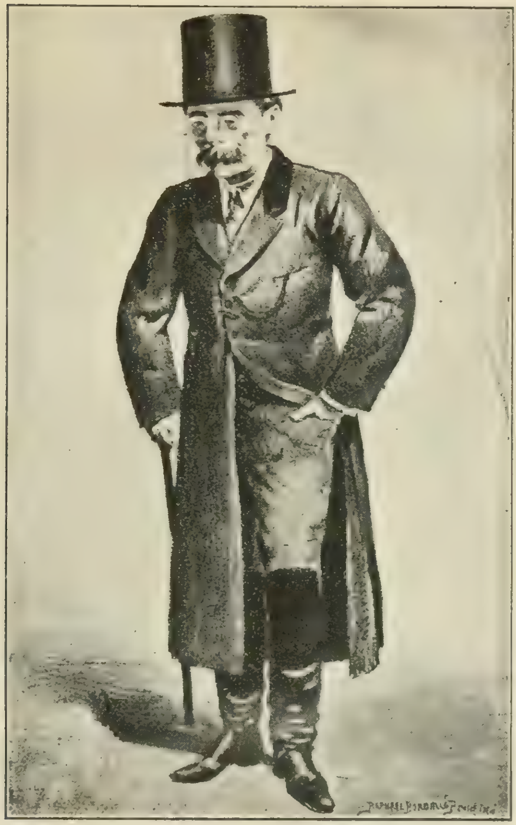
Sou, finalmente, aquele, a quem padre António disse: o tempo há-de fazer de você alguma cousa.

A profecia do bondoso sacerdote cumpriu-se no volver dos anos, como os senhores sabem: Camilo foi efectivamente alguma cousa — o maior romancista português e o mais desgraçado de todos os homens.

Aos 16 anos vamos ver Camilo casado em Friume com Joaquina Pereira, filha de lavrador rico. O ilustre escritor e meu distinto amigo Sr. Alberto Pimentel, num feliz prefácio à comédia *O Lubis-homem,* atribui ao entrecho do curioso entremez a história dêstes primeiros amores, epilogados num casamento para generosa reparação duma falta. A exigências de seu sogro foi Camilo para o Pôrto estudar, freqùentando a Academia e o 1.º e 2.º anos da Escola Médica, donde transitou para Coimbra, perdido o ano por faltas. Rebentara a revolução chamada da Maria da Fonte, do nome duma criatura encontrada, logo após o nascimento, junto da fonte do Vido, na freguesia de Fonte Arcada, tendo cosido na fralda da camisinha um bilhete com a seguinte copla:

Eis-me exposta junto à linfa
Que aqui mana dêste monte
Serei dela a clara ninfa,
Serei Maria da Fonte.

Bêbeda e ladra, como o demonstrou Camilo, o que não obstou a que a lenda fizesse dela a heroína duma revolução ridícula, cujo hino guerreiro ainda amiúde por aí ouvimos cantar com foros de

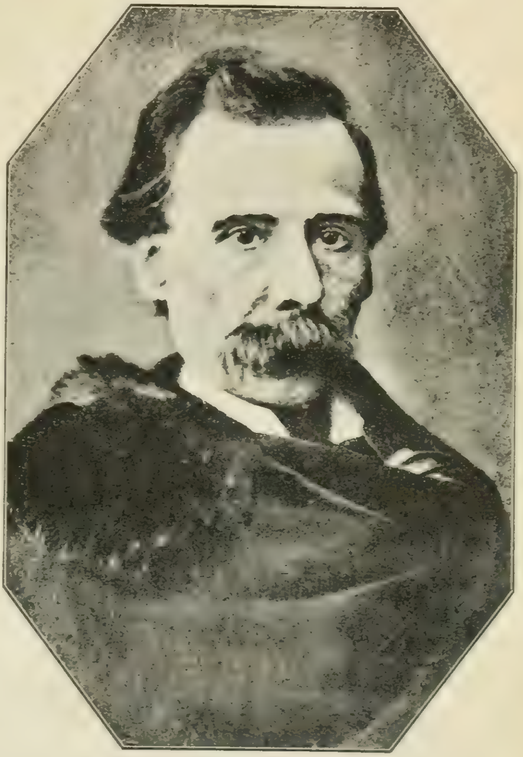


Litografia sôbre um desenho aguarelado de Rafael Bordalo Pinheiro
para o *Album das Glórias*. Janeiro de 1882
É o n.º 24 do *Álbum*. Tem a seguinte legenda: *Picado do génio e das bexigas*

patriótico, Maria da Fonte, levantando revoltosa celeuma no país —*fermento azêdo que fez levedar a revolução de 1846,* como disse o Mestre— originava o encerramento das aulas na douta cidade da beira Mondego e obrigava Camilo a retroceder de Coimbra para Vila Rial e a cair com um condiscípulo entre as hostes de Milhundres, que a ambos agregou à guerrilha na qualidade de proclamadores. Já então Joaquina Pereira, em Friúme, com uma filhinha nos braços, chorava o quási abandono do marido que se deixara prender, numa saùdosa visita à Samardã, dos encantos de Maria do Adro, linda camponesa do lugar.

O Sr. Paulo Osório, no seu livro sôbre Camilo, põe muito justamente em destaque a feição amorosa do grande escritor:

> *Êle foi um sacrificado ao amor, como já o haviam sido, em linha de curta ascendência, os seus maiores, e como a mais que qualquer dêsses, êle tivesse ainda o amor às letras, toda a pequenina paixão se engrandecia, enriquecida pela sua imaginação exuberante, romantizada pelo seu génio de artista.*



De uma fotografia—1870

Esta triste e emaciada Maria do Adro morreu um mês antes duma visita de Camilo à sua aldeia, evocadora dos seus amores pela linda camponesa, numas férias grandes de Setembro. Camilo recebeu a nova à entrada do povoado, ingénuamente transmitida por um grupo de môças que êle de cima da sua égua nervosa interrogava ansioso:

— *Como estão vocês, rijas, hein?*

— Como um ferro, graças a Deus. Então já sabe?

— O quê?

— Pois não sabe que a Maria do Adro...

— Que tem? está doente?

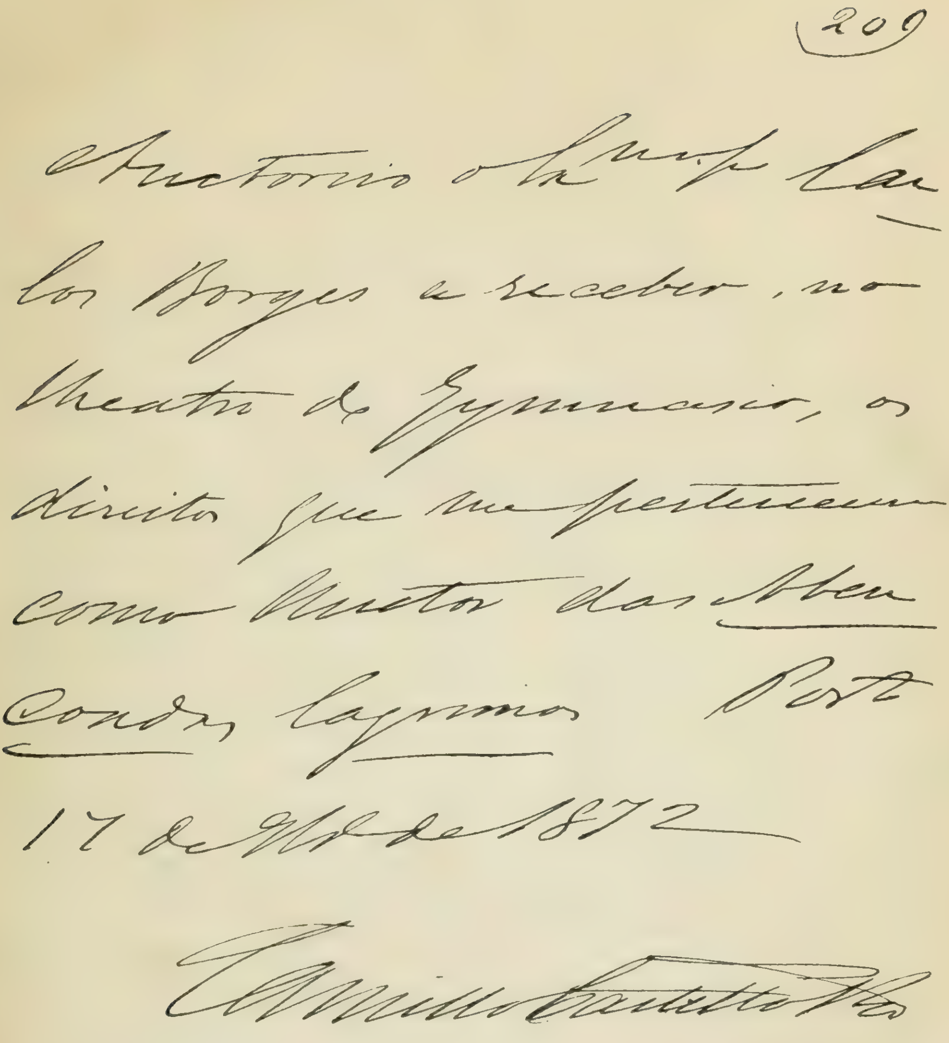
— Está com Deus... Morreu faz amanhã um mês.

Vinte e quatro horas depois, Camilo, a convite do marido de sua irmã, um médico distinto, ia à nave da igreja desenterrar o cadáver da sua bem amada. Êsse lance shakespeareano vem assim descrito num dos capítulos das *Duas horas de leitura:*

Lembra-me que fuzilavam os relâmpagos duma trovoada de Agosto quando entrámos na igreja pela porta da sacristia. Já lá tínhamos uma alavanca e uma enxada. Entrei na igreja, alumiada a espaços pelo lampejo azul dos trovões, com religioso terror. Ajoelhei maquinalmente, e senti os sustos dum sacrílego. Meu cunhado deu-me ânimo com um riso desdenhoso. Abalámos a pedra tumular com o ferro do monte. Sustentámo-la no pendor contra o peito. Revezámo-nos a cavar, até encontrar as tábuas laterais do esquife. Não consenti daí em diante o uso da enxada.

Tirei a terra às mãos-cheias, até sentir debaixo dos dedos, que cravava na terra, as formas dum corpo mole. Eu tinha a cabeça em lume; as pulsações do coração eram tam fortes que me agoniavam: não senti cheiro mau senão o da terra impregnada de ossadas em pó, de vértebras, e pedaços de hábitos mortuários, e contudo angustiava-me uma sensação de náusea, mas toda moral, sensação que nunca mais experimentei. Meu cunhado, vendo-me descorar, ofereceu-me um vidro de espírito que eu não aceitei. Prossegui na exumação, até encontrar as pontas do lenço que cobria a face do cadáver. Segurei as quatro pontas nas mãos trémulas, tirei devagar o pano, e vi Maria. Permaneci quieto não sei que tempo, com os joelhos enterrados e a face pendida sôbre a face morta. Não sei dizer-te o que pensei. Talvez nada! A alma nesses lances creio que se aniquila. Há dores com que o homem não pode, e Deus, quando as dá assim, permite a letargia, a morte passageira, a paralisia dos órgãos condutores da impressão. Meu cunhado ergueu-me pelos braços. Fitou-me com um sorriso... de médico, e afectou um ar de estranheza que eu antes quisera não fôsse fingido.

O resto do trabalho fê-lo êle. Eu sentei-me na cadeira paroquial, procurando as minhas ideas, que me fugiam aos turbilhões. Como privado da alma, o estrondo exterior azoara-me os ouvidos: era o embate da saraiva nas vidraças da igreja, e o ranger das árvores



(209)

Auctorizo o Ex.mo Sr. Car
los Borges a receber, no
theatro do Gymnasio, os
direitos que me pertencem
como Auctor das *Aben
çoadas lagrimas*. Porto
17 de 9br de 1872

Camillo Castello Branco

Autógrafo pertencente ao Sr. José Gregório Fernandes

que açoitavam as cornijas. Eu estava como tranzido de mêdo. Era no estio, e sentia uma espécie de serpente glacial cingir-me das costas para o peito. O cadáver foi lançado num cêsto. Esperámos que anoitecesse, e eu tomei uma asa do cêsto, ajudando a transportá-lo para uma mina sêca, na margem do rio. O dia seguinte fôra o designado para dissecarmos o cadáver. Prepararam-se escalpelos, tesoiras e bisturis, durante a noite. Meu cunhado foi chamar-me de madrugada à cama, e achou-me passeando no meu quarto.

—Já a pé? disse êle admirado.

—Ainda me não deitei.

O macabro episódio valeu a Camilo oito dias de febril delírio e a observação do padre-mestre que o enfêrmo vagamente ouviu:

—Diz minha cunhada que muitas pessoas desta família endoideceram...

A confirmação desta afirmativa devia tê-la desgraçadamente Camilo, mais tarde, com a loucura de seu filho Jorge.

De uma fotografia, data e autor desconhecidos

Deixámos o Mestre preso pela guerrilha de Milhundres no regresso de Coimbra para Vila Rial. A sua vida de estudante, no Pôrto, fôra uma estúrdia. Ficou célebre uma paródia de duelo realizada na Tôrre da Marca, na capital do norte, a que imensa multidão assistiu. Camilo e o seu adversário de momento, o Sr. Freitas Barros, mais tarde secretário da administração do concelho de Coimbra, exibiram-se aos olhos da populaça carnavalescamente vestidos e armados, cavalgando lazarentos onagros, de albarda rôta e freio de esparto. Pretendiam bater-se à pistola por ciúmes de suposta Dulcinea. O caso descambou num pavoroso ridículo que veio pôr côbro à fúria de duelos que então principiava a esboçar-se. Quem assim sabia chalacear não devia arrecear-se dos chuços, bacamartes e foices roçadouras que constituíam o principal armamento das hostes do tenente rialista Milhundres. E era assim que Camilo, feito prisioneiro, consolava o seu companheiro de infortúnio, como êle incumbido de proclamar aos povos:

—*¿Pois não achas isto bonito? ¿Acaso estarás mais divertido na tua aldeia? Tiremos partido de tudo, emquanto não cheira a pólvora. Vamos colaborar numa proclamação em estilo bíblico.*

O condiscípulo retorquia:

—*Pois fica, se achas graça a isto, eu decerto fujo. Em chegando ao cimo da rua enterro as esporas nos ilhais do macho.*

—*Pois então também eu, que me parece estúpida a farça se me deixas em monólogo.*

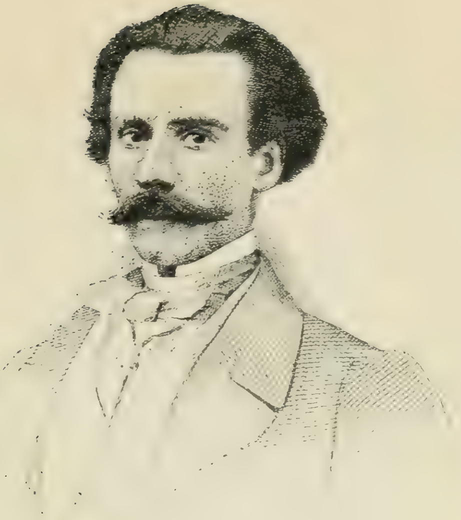
Fugiram. Camilo ia para Vila Rial procurar o refúgio da casa dum tio rialista. Ali, de pé sôbre o balcão do Zé da Sola, negociante de cabedais de bezerro e vaca, entretinha-se a declamar com ênfase as proclamações do padre Casimiro, um dos heróis da revolução do Minho, que o *Periódico dos Pobres* estampava.

Nasceram aí a sua paixão por Patrícia Emília e a sua primeira peça de teatro, o drama *Agostinho de Ceuta,* escrito expressamente para que ela o visse representado num teatro que o próprio autor improvisou, o primeiro que levou à gente de Vila Rial os ecos civilizadores da arte dramática. Já então esquecera a sua primeira espôsa, e de outras mulheres amadas, a Maria do Adro e uma certa Luísa

Flor de entre as fragas,
Donairosa camponesa,
Tipo gentil de pureza,
Lindo esmalte das campinas

que inspirara o seu estro poético, restava apenas uma recordação, vestígios da quentura dum passado fogo morto.

A sua paixão por Patrícia Emília resultou num rapto romântico, de noite, através das alcantiladas serranias do Douro, a caminho do Pôrto, com olhos postos em Coimbra. Na capital do Norte a prisão dos dois desvairados amantes veio pôr vil fecho de prosa na poesia do seu idílio. Onze dias de cárcere bastaram a arrefecer entusiasmos e a desvendar os olhos dos dois incautos descuidosos do futuro. O idílio veio a continuar em Vila Rial, já tam outro do que fôra, que Camilo, agora viúvo e livre, longe de reparar a falta, optava por militar no séquito de Mac-Donell, como ajudante de ordens do importado defensor das pretensões do Sr. D. Miguel I. Mais tarde Camilo havia de chamar ao seu chefe militar *extraordinário patife,* na descrição do seu conflito com o famoso caceteiro *Olhos de boi,* que o agrediu em desforra de violentos artigos políticos

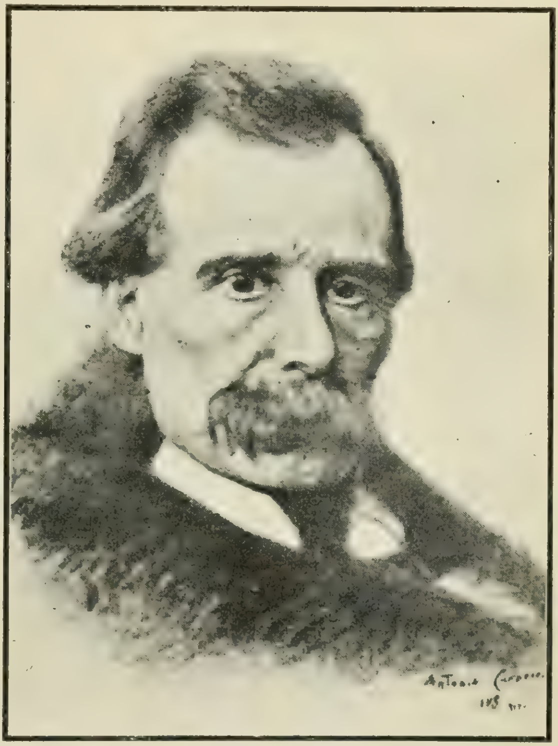


Cam Caste Br

Gravura em talhe doce, do professor Sousa, da Academia de Belas Artes

publicados pelo romancista contra José Cabral, governador civil de Vila Rial.

Dos amores de Camilo com Patrícia Emília de Barros nasceu uma filha. Nem a mulher que fôra amada, nem a filhinha que o devia ser lograram reprimir a insaciável sêde de amor do grande romancista. Nova e fatal paixão o obrigava a rojar-se aos pés duma mulher e a pensar a sério no suìcídio.



De um desenho de António Carneiro

Para bem avaliar do romanesco dêste temperamento é preciso conhecer o ambiente social da cidade da Virgem de há 70 anos, tam diferente do que hoje é. A análise dêsse meio curioso fê-la, em períodos de ouro, o grande escritor Ramalho Ortigão, no estudo com que prefaciou a edição monumental do *Amor de Perdição*. Não cabe nos estreitos limites desta conferência transcrever as páginas soberbas dêsse soberbo estudo. O burgo medievo do Pôrto de 1850 desconhecia ainda o poder iluminante do gás, conservava ferrenho o culto da sua tradição liberal, denodadamente afirmada pelos batalhões da Carta e dos Voluntários da Rainha, durante o cêrco; lia no *Periódico dos Pobres* a notícia do que *ia por essa* Lisboa; classificava genéricamente de *ladroagem* as manigâncias dos políticos; arranchava aos *pic-nics* pelo rio acima até o Areinho, onde eram clássicas as indigestões de sável frito e vinho verde; freqùentava de carroção os banhos da Foz; e de livros poucos mais conhecia do que o *Carlos Magno*, o *Bertoldinho* e a *Princesa Magalona*. A mocidade era românticamente estouvada. Na literatura começavam a afirmar-se os nomes, mais tarde ilustres, de Arnaldo Gama, Evaristo Basto, António Girão, Ribeiro da Costa, Delfim Maia, Coelho Lousada, Alexandre Braga, Soares de Passos, Amorim Viana, Faustino Xavier de Novais, Marcelino de Matos, e outros mais. Todos vestiam extravagantemente à *hussard,* e todos sentiam girar-lhes nas veias glóbulos do sangue inquieto de Byron e Antony, e ferver-lhes no cérebro perigosas reminiscências das leituras de Walter Scott.

Era a época dos outeiros nos conventos obrigados a doces finos e a licores preciosos, cujas receitas se perderam no derruir demagógico de celas e sacristias; das pateadas famosas do teatro de S. João; dos raptos em liteiras ou seges de machos guizalhantes; das paixões impetuosas por cantoras e criaturas de mau porte, mulheres fatais que o romantismo de Dumas, filho, se preparava para regenerar com a sua *Dama das Camélias.*

Esta gente môça, impetuosa e atrevida, contrastava singularmente com a sociedade tacanha dos mercadores das ruas das Flores, dos Clérigos e dos Ingleses, rudes pastores cujos cajados —as varas métricas— eram impotentes para salvar as inocentes ovelhinhas —as espôsas— das garras dêstes leões de esporas e pingalim, que sabiam de cor os versos de Musset e bebiam *champagne* na estalagem afamada da Ponte da Pedra, em noites de orgíacos arremedos dos festins babilónicos, com cantoras de nomeada e outras criaturas adjacentes. Era um período de violenta agitação política, êsse, que da grande França vinha exercer sôbre êste cantinho florido da Europa o seu reflexo perturbador de velhas usanças. As horas de desânimo inspiravam muitas vezes a esta mocidade irrequieta a inesperada e melodramática resolução do suìcídio. Não escapou Camilo a essa influência, mas à sua primeira tentativa de suìcídio romântico com grãos de ópio e uma pilha de moedas sôbre a mesa desmentindo a miséria como sua causadora, outra veio assumir as proporções ultra-românticas dum suìcídio moral. Camilo pensou em ser padre. Não hesita um momento: matricula-se no Seminário Episcopal do Pôrto e requere para tomar ordens menores.

¡O aspirante a padre, aquele que tantos escritos religiosos deixou, tinha de vir mais tarde em defesa de Alexandre Herculano na célebre questão entre êste escritor e o clero português travada!

O antigo colaborador de jornais religiosos, o comentador da *Divindade de Jesus,* o autor das *Horas de Paz* e do *Hossana,* escrevia em 1850 *O Clero e o Sr. Alexandre Herculano* e cedia o manuscrito a um militar empobrecido que, colhendo fartos lucros, quis repartir com êle. Camilo não aceitou. O seu desprêzo pelo dinheiro já uma vez se manifestara numa estalagem da Póvoa, ouvindo a patroa insultar um hóspede miserável que se atrevia a jantar sem ter liquidado a sua conta em atraso. Camilo, indignado, atirava para cima da mesa o dinheiro ganho com o seu último livro, e exclamava:

—*A senhora não é justa nem delicada. O senhor... aquele senhor que ali está, encarregou-me há pouco de lhe dar o dinheiro. Aí o tem.*

E voltando-se para o hóspede:

—*Peço-lhe que me desculpe... Sou um esquecido!*

Em 1850 começaram as suas relações com D. Ana Plácido, e começou para Camilo o período mais tormentoso da sua existência.

Primeiro, a calúnia, o estúpido burguês portuense assacando-lhe infâmias, que êle públicamente desmentiu; ¡mais tarde, a perseguição, o escritor e a mulher amada encarcerados num quarto de malta da Relação do Pôrto e arrastados pela lama dum tribunal que os absolveu do grande crime de se amarem!

De fotografia—1870

Foi dentro dessa prisão que Camilo escreveu os seus melhores romances: os *Doze casamentos felizes*, os *Anos de prosa*, o *Romance dum homem rico*, que êle extremava como a melhor das suas produções, e êsse extraordinário *Amor de Perdição*, tragédia passional dum membro da sua família, de seu tio Simão Botelho, que o grande escritor escreveu com lágrimas em quinze dias, os mais torturados da sua vida.

Não quero demorar por mais tempo a vossa ansiedade de escutar um dos mais belos trechos camilianos, dos que o actor Ferreira da Silva, honra da scena portuguesa, criador dos tipos camilianos de João da Cruz e do Morgado de Fafe, gentilmente se prestou a ler. É uma página comovedora do *Amor de Perdição,* a carta escrita por Teresa de Albuquerque a Simão Botelho, que êle lê no caminho do degrêdo a que o condenara o seu crime de amor.

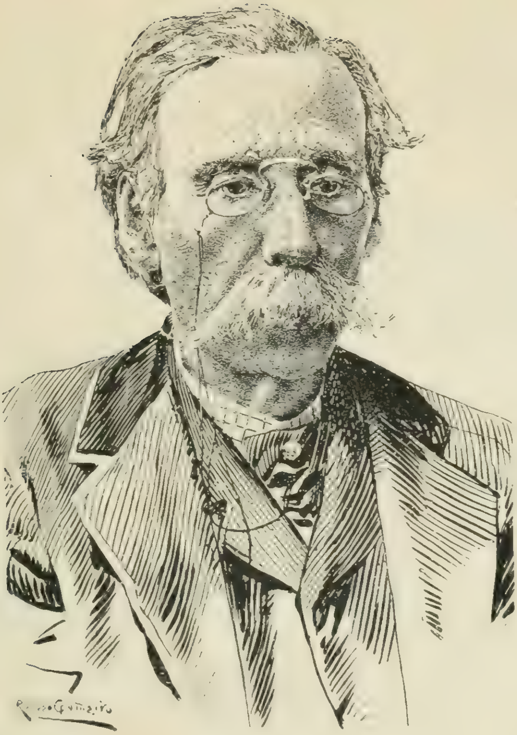
. . . .

O escândalo dos amores adulterinos de D. Ana Augusta Plácido e Camilo Castelo Branco —último romance da vida do romancista— fez na sociedade de comerciantes e burgueses do velho burgo tripeiro um efeito de indignação só comparável ao que em 1870 ocasionou a trágica aventura de Vieira de Castro assassinando sua espôsa por adultério. Foram aferrolhados os dois amantes nos quartos de malta da Relação, emquanto contra êles corria seus trâmites um processo por crime de adultério movido por Manuel Pinheiro Alves, o marido ultrajado. Descuidosos do que poderia dêles regougar a opinião pública caluniosa e vil, um ano esperaram os dois amantes a ansiada hora da sua libertação sem cuidarem de resguardar-se dos olhos curiosos do grotesco e irritante burguês. Ao facto de D. Ana Plácido aparecer às grades da sua prisão fumando charuto e freqùentes vezes acordar o lúgubre eco dos corredores da Relação, gotejantes de humidade, com os acordes maviosos dum piano, viera juntar-se o curioso repto camilesco que o Sr. Alberto Pimentel revelou no seu livro *Memórias do tempo de Camilo:* o Mestre, num dos seus passeios higiénicos fora da cadeia, autorizados por especial portaria do então ministro do reino, descendo a Rua de Santo António, atravessando a Praça Nova e subindo a velha Calçada dos Clérigos, a caminho do seu cárcere, com um par de botinas na mão, que comprara para a sua companheira de ferros de El-Rei, dependuradas das puxadeiras, ante os olhares iracundos dos comerciantes escandalizados que êle imortalizou no tipo assombroso de verdade de António José da Silva, conceituado negociante daquela praça, com estabelecimento de panos crus na rua das Flores!...

Uma vez livres, Camilo viu-se dum momento para o outro rodeado duma família que era preciso sustentar. E foi então êsse o período mais esgotante, mais intensamente activo da sua intelectualidade.

É êle que o diz no seu livro *No Bom Jesus do Monte:*

> *...Eu inclinava o peito sôbre uma banca, para ganhar, tressuando sangue, o pão duma família. A luz dos olhos bruxuleava*



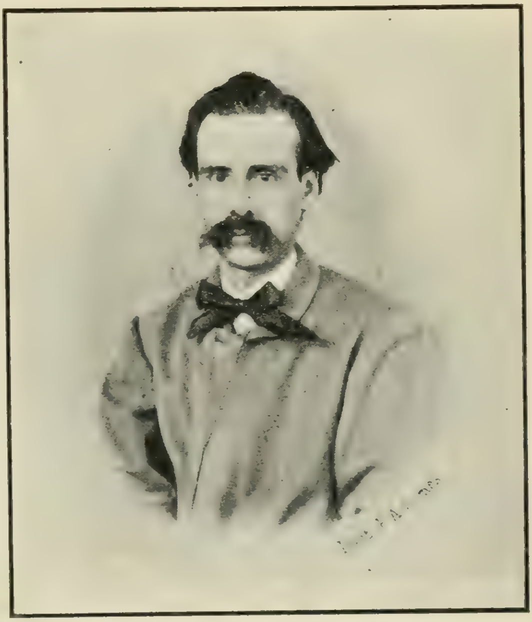
Desenho de Roque Gameiro — O mais conhecido dos retratos de Camilo
Cópia do retrato de Sousa Pinto para a edição monumental do *Amor de Perdição* — 1886

já nas vascas precursoras da cegueira. E eu escrevia, escrevia sempre...

E assim, em 1862 —num só ano— publica as *Memórias do cárcere*, o *Coração, cabeça e estômago, Cousas espantosas, Estrêlas funestas,* as *Três irmãs* e o *Amor de Perdição*. Seguem-se-lhes, em 1863, as *Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado, O bem e o mal, Estrêlas propícias, A bruxa de Monte Córdova, Memórias de Guilherme do Amaral, Noites de Lamego, Scenas inocentes da comédia humana* e a *Vingança*. No ano seguinte publica o *Amor de salvação, Agulha em palheiro, Cousas leves e pesadas,* seguindo-se-lhes, em 1865, *O esqueleto,* a *Luta de gigantes* e *A sereia,* e em 1866 *A enjeitada, O judeu, A queda dum anjo, O santo da montanha* e *A doida do Candal,* não citando as traduções e os centenares de artigos literários e de polémica, esparsos em inúmeras revistas e jornais.

¡Tal foi o trabalhador!

Mas não se vá julgar que de tam insana tarefa auferia o escritor largos proventos que sobejassem à mediania do sustento da sua casa. Emquanto livreiros editores enriqueciam com os seus livros, que pagavam entre 100$00 e 150$00 o volume (o *Cavar em ruínas* e o *Coração, cabeça e estômago* foram pagos a 144$00), o grande romancista, freqùentes vezes em embaraços financeiros, não hesitava um dia, interrompendo em amarga hora o trabalho começado, em incomodar um amigo pedindo a sua interferência junto duma senhora rica para a venda dum objecto de arte a que devia ligar particular estima. A carta em que êle propõe essa venda é uma página dolorosa, mais dolorosa ainda pela resposta obtida—



De fotografia. Data ignorada. Retrato inédito.

a recusa irónica dessa mulher que estimava o objecto da venda bom demais para figurar entre a sua baixela. A carta diz assim:

Il.^{mo} Ex.^{mo} Sr.—Classificam-se de confidenciais umas cartas da natureza desta; eu porêm deixo a V. Ex.^{a} determinar o que nela deve haver de reservado.

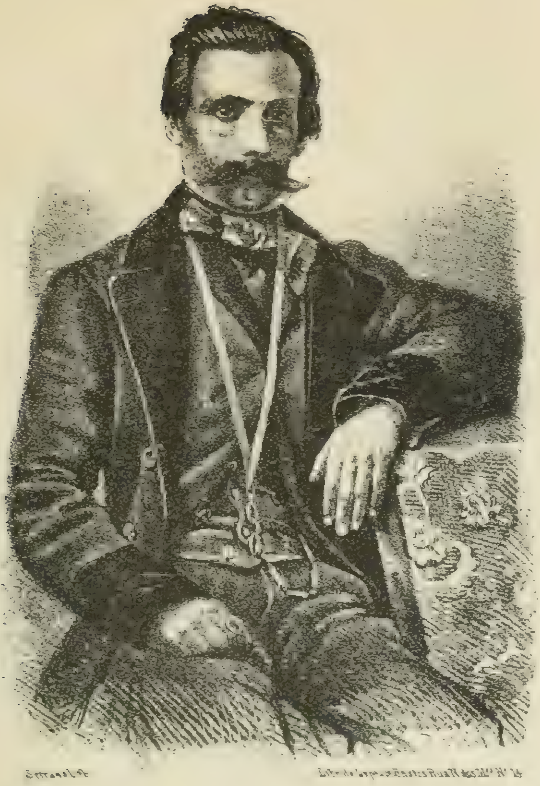
Recebi, há anos, uma taça de prata, brinde da colónia portuguesa em Hong-Kong. Dizem ser um trabalho primoroso, que lá custou cem libras. Creio que materialmente não vale isto; e estimativamente poderia valer mais se eu pudesse ter baixela.

Tem o meu nome e uma dedicatória em caracteres chineses. Isso que monta? Vendo-a, porque taças de prata em casa de escritores portugueses são como taças de amargura, quando o vácuo delas é como o da glória em Portugal. Vendo-a por 300$000 réis. Note V. Ex.^{a} que ela não tem um têrço daquele valor em prata. Parece, porêm, que os lavores são estimáveis.

—Então que quer você? pergunta V. Ex.^{a}

Pedir-lhe que apresente esta alfaia à Ex.^{ma} S.^{a} D. ... que tem riqueza e gôsto superabundantes. Se S. Ex.^{a} a quiser, pode aspar-lhe o meu nome; e se não lhe importar que a sua posteridade encontre esta memória dum homem que passou um dia a querer luzir nesta escuridão abafadora de Portugal, S. Ex.^{a} honrará a minha memória conservando-a intacta. V. Ex.^{a} se dignará dizer-me para onde eu devo remeter-lha, se me quiser obrigar fazendo-a enviar à respeitável senhora de quem V. Ex.^{a} é considerado como merece.

Ao pobre espírito amargurado do escritor, constantemente atravessando intermitências de esperança e desânimo, impunha-se uma era de paz. Mas o drama de amor ia continuar na tebaida de S. Miguel de Seide, após um peregrinar inquieto por Lisboa e outros pontos, e ter no dia 9 de Março de 1888 o ansiado epílogo do casamento que a morte de Manuel Pinheiro Alves já de há muito consentira. Dêsse casamento, celebrado no Pôrto, foram testemunhas os Srs. Dr. Ricardo Jorge, Alves Mendes, Joaquim Moutinho e João Freitas Fortuna, assistindo tambêm um filho dos recem-casados, Nuno Castelo Branco, o Dr. Urbino de Freitas e António Dias Guilhermino. Tinha D. Ana Plácido um filho do seu primeiro marido, de quem veio a herdar a propriedade de Seide. A morte desta criança foi para Camilo um rude golpe. Chamava-lhe o seu querido Manuel, e como a um filho lhe queria. ¿Mas o que foi esta dor comparada com as que tam de perto se lhe


Serrano lit.

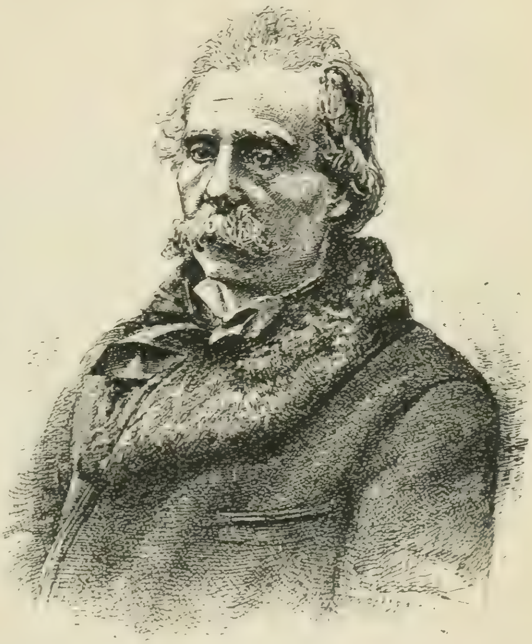
Camillo Castello Branco

Nasceo em Lisboa, a 16 de Março de 1826 (1825)

De um lápis litográfico, de Serrano — Nota-se a data do nascimento do escritor errada
Foi emendada pelo proprietário da estampa

seguiriam? No scenário esplendoroso de S. Miguel de Seide, um dos mais belos povoados do pitoresco Minho que os meus olhos têm visto, ia desenrolar-se o último acto da tragédia que foi a vida de Camilo.

Dos dois filhos nascidos dêste casamento de amor —Jorge e Nuno— o primeiro enlouquecia, e o outro revelava-se, no próprio dizer do pai, mais doido que o irmão por se julgar mais ajuìzado. Brigão de feiras, estroina da província, Nuno esbanjava o dote avultado da mulher com quem casara, uma senhora órfã de Famalicão, D. Maria Isabel da Costa Macedo. Raptaram-na emissários de Camilo, segundo um plano por êle combinado com todos os toques românticos e exaltados duma paixão que o raptador estava bem longe de sentir. De facto, emquanto D. Isabelinha se deixava escorregar, alta noite, da janela da casa do seu tutor aos braços dos auxiliares do rapto, embuçados e de bacamartes aperrados, o filho de Camilo dormia a sono sôlto a pouca distância dum carro tirado por possante parelha com as patas entrapadas, que devia conduzir os dois amantes pela estrada de Guimarães para longe do soalheiro da vila.



Último retrato

Jorge Castelo Branco vagueava a sua loucura sob as árvores de Seide. O vício terrível do onanismo agravara a sua debilidade mental, e com ela chegava o delírio religioso e mais tarde a lipemania com impulsões homicidas, o ódio à família, o delírio da perseguição, o abuso das bebidas alcoólicas.

Meu filho Jorge, escrevia Camilo numa carta, *ficou definitivamente doido. Milagres, alucinações dos ouvidos e da vista; a inconsciência de si próprio, ódios implacáveis a determinadas pessoas.*

E quando o filho entrou no período da fúria homicida:

A primeira vítima será a mãe. Os médicos mandam-me sair dêste meio sem demora; ¿mas como hei-de eu deixar aqui a pobre mãe que o filho insulta e ameaça? A mim respeitou-me; agora ameaça-me de pontapés e espero-os resignadamente. Veio aqui o Ricardo Jorge para o levar para o hospital dos alienados; mas nós não pudemos dar-lhe o último beijo como quem beija um cadáver. Morreremos no nosso pôsto de amor e caridade incondicional para êste desgraçado.

Oh! o inferno de viver! À tortura moral de ver partir o filho querido para a cela dum manicómio, a ulular ameaças, amarrado numa camisa de fôrças, vinham juntar-se as angústias da doença própria, a mais terrível, a mais trágica, a morte do olhar, que assim vinha roubar ao escritor o que êle tinha de mais precioso para garantia do pão da sua família.

¡Incomportável desgraca esta!

Como Beethoven, para quem soaram, na perda do seu precioso sistema auditivo, os ecos precursores das passadas da morte, Camilo encontrava na cegueira um irremediável ponto final à sua obra de escritor a que urgia acrescentar o da sua vida física. A imagem do filho amado e ausente, essa não se apagaria mais das suas pupilas ennevoadas. Confessa-o êle próprio naquele admirável soneto que tam amargamente traduz a sua profunda dor de pai:

Constantemente vejo o filho amado
Na minha escuridão, onde fulgura
A extática pupila da loucura,
Sinistra luz dum cérebro queimado.

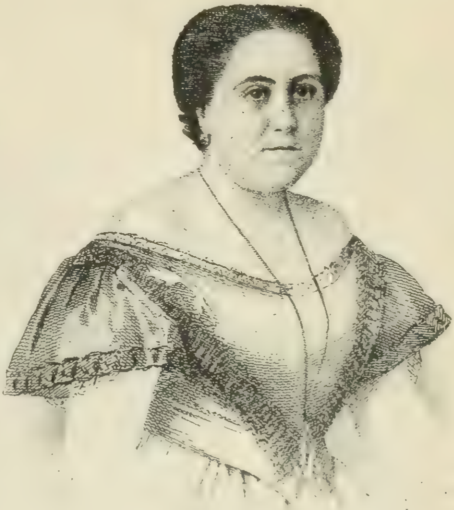
Nas rugas do seu rosto macerado
Transpira a cruciantíssima tortura
Que escurentou na pobre alma tam pura
Talento, aspirações... tudo apagado.

Meu triste filho, passas vagabundo
Por sôbre um grande mar triste e profundo,
Sem bússola, sem norte e sem farol!

Nem gôzo nem paixão te altera a vida!
Eu choro sem remédio a luz perdida...
Bem mais feliz és tu, que vês o sol.

Sim! Bem mais feliz era o louco que via o sol, empoleirado nos galhos da acácia por suas mãos plantada no jardim de Seide, tocando flauta nos seus repentinos acessos de genial melomania. O cego, êsse agarrava-se como um náufrago aos últimos clarões da esperança. ¡Pedia socorro aos amigos, consultava especialistas, clamava em vão por um milagre da sciência, e a cada novo desengano acariciava com mão febril o cano do seu revólver, numa ânsia crescente de libertação e de protesto contra a crueldade do Destino! Acompanhavam os progressos da amaurose os estragos velozes da neurastenia.

O que eu queria, era que me dessem a vista que eu tinha há quatro meses para poder trabalhar até morrer. Não me podia ser inflingida maior tortura que isto de não poder escrever sem grande mortificação. Estou quási cego desde que o meu pobre Jorge, em delírio furioso, entrou no hospital do Conde de Ferreira. Todas as minhas infelicidades do corpo e da alma eram delícias antes de eu sentir esta suprema desgraça.



Anna Augusta Placido

Gravura em talhe doce, do professor Sousa

Dez dias antes de morrer Camilo suplicava ainda um milagre escrevendo a um especialista de olhos esta extraordinária página de dor:

Sou o cadáver representativo dum nome que teve alguma reputação gloriosa neste país durante 40 anos de trabalho. Chamo-me Camilo Castelo Branco e estou cego. Ainda há 15 dias podia ver cingir-se a um dedo das minhas mãos uma flâmula escarlate. Depois sobreveio uma forte oftalmia que me alastrou as córneas de tarjas sangùíneas. Há poucas horas ouvi ler no Comércio do Pôrto *o nome de V. Ex.ª Senti na alma uma extraordinária vibração de esperança. Poderá V. Ex.ª salvar-me? Se eu pudesse, se uma quási* *paralisia me não tivesse acorrentado a uma cadeira iria procurá-lo. Não posso. ¿Mas poderá V. Ex.ª dizer-me o que devo esperar desta irrupção sangüínea nuns olhos em que não havia, até há pouco, uma gota de sangue? Digne-se V. Ex.ª perdoar à infelicidade estas perguntas feitas por um homem que não conhece.*

Ao lado dêste homem infinitamente desgraçado a figura melancólica e sublime de D. Ana Plácido vai tomar sôbre os seus fracos ombros de mulher a pesada tarefa de enfermeira do mais infeliz e insuportável doente. Da paixão que a arrastara pela vereda do adultério à lama dum tribunal, com transição pela enxovia duma cadeia, já nada restava. Di-lo Ana Plácido, que foi também uma escritora distinta, nas palavras com que prefaciou a sua tradução do livro *Como as mulheres se perdem,* axiomando os conselhos da sua triste experiência:

O amante não é melhor que o marido.

O amante a quem uma mulher sacrificou nome, posição e futuro, é quási sempre o algoz mais desapiedado da desgraçada.

O mais intenso golpe que o algoz desta mulher devia vibrar ao seu coração alanceado de amante desprezada não hesitou Camilo em vibrá-lo num funesto dia de Junho, num domingo, o dia que êle mais odiava, dizendo *boas-noites* à vida com uma bala no parietal direito.

Êle o afirmara:

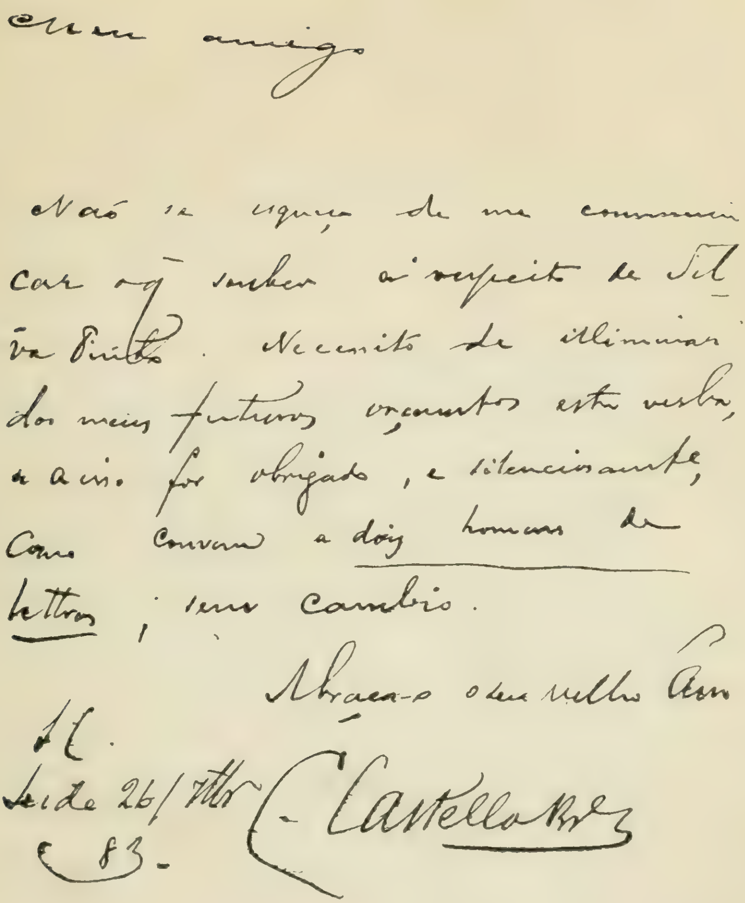
Assusta-me muito a cegueira, mas, como a morte não me assusta nada, assim que eu vir a noite a fazer-se, digo boas-noites à vida.

A tentação redentora do suìcídio vinha de longe, e deixou-a o escritor revelada em muitos dos seus livros.

A vida dos desgraçados irremediáveis seria um pérfido escárneo do Criador se o suìcídio lhes fôsse defeso, disse êle nas *Horas de luta.*

E noutro lanço do livro acrescenta:

Invectivar de covarde o suìcida é escarrar na fronte dum morto. Não se pode ser mais cruel nem mais infame. Um dos cânticos do



Meu amigo

Não se esqueça de me communicar o q souber a respeito de Silva Pinto. Necessito de eliminar dos meus futuros orçamentos esta verba, se a isso for obrigado, e silenciosamente, como convem a dois homens de lettras, sem cambio.

Abraça-o o seu velho Amig.

Seide 26/7bro
83.

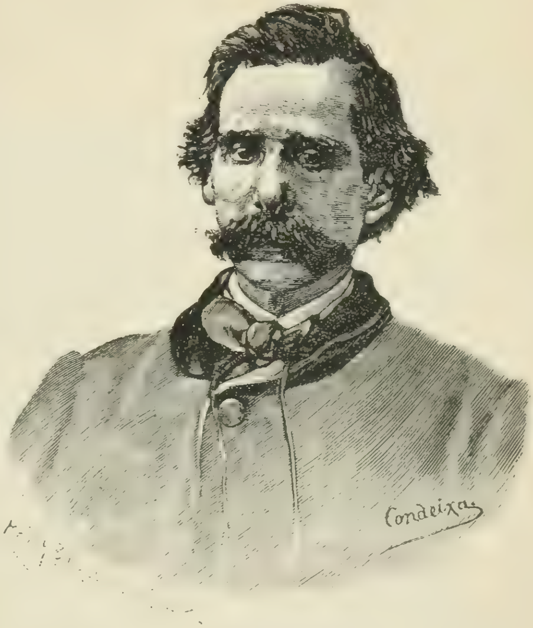
C. Castello Br.co

Fac-simile da carta a que se faz referência na pág. 45

Inferno *de Dante é um poema de lágrimas. São os suìcidas que passam gementes. Se a alma do suìcida pudesse subir à presença de Deus, a divina Majestade esconderia a face envergonhada ou condoída da sua obra; porque o suìcida lhe diria como Job: ¿Porque me tiraste do ventre materno? «Quare de vulva eduxisti me?...».*

Na sua última hora Camilo diz-se abandonado dos amigos. Só um lhe resta fiel. Quem? ¿O seu cão Terra-Nova que, como o do poeta Mistral, nunca abandonou o dono? Não o deixou dito o escritor, que contudo verberou o procedimento dos ingratos (se o foram) numa poesia que a distinta actriz Leonor Faria vai ter a bondade de nos ler, exemplo da sua feição irónica de scéptico que vem a propósito frisar.

. . . .



Desenho de Condeixa, gravura em madeira de Lallemant e Heitor (antigo artista da Imprensa Nacional de Lisboa)

Longo vai já o meu pobre arrazoado, despido de florescências de estilo e ditado apenas pela comoção com que vou evocando a figura grandiosa dêste homem, e tenho ainda de deter alguns instantes da vossa indulgente atenção para falar-vos da sua obra, tarefa de gigante, trabalho de Hércules das letras portuguesas que em 132 volumes originais, 14 traduzidos, 175 prefaciados e 129 periódicos colaborados ou redigidos se consubstancia.

Disse um escritor francês, creio que Armand Carrel, que a vida dum grande escritor é o melhor comentário das suas obras, a explicação e, por assim dizer, a história do seu talento. Provado por Sousa Martins que Camilo era um doente, neurasténico com a nevrose do génio, essa obra monumental vista à luz investigadora da moderna sciência revela-se o reflexo mesmo da vida do seu autor, destrambelhada de altos e baixos, mas sempre grande, qualquer que seja o seu aspecto—no romance passional, de que é exemplar modêlo o *Amor de Perdição,* na investigação histórica, erudita, honesta, justa e inteligente, que revelam as páginas do *Regicida,* da *Caveira da Mártir,* da *Maria da Fonte* e do *Perfil do Marquês de Pombal;* nas tentativas de romance realista que resultaram nas páginas scintilantes de graça do *Eusébio Macário* e da *Corja;* nos frenesis estonteantes da crítica de que são terríveis exemplos o *Cancioneiro alegre, Os críticos do cancioneiro,* a famosa *Questão da Sebenta,* a crítica célebre ao livro da Princesa Ratazzi, *Portugal à vol d'oiseau,* mordente desde o título pretensioso que êle traduziu *Portugal a vôo de pássara;* as polémicas tremendas com Silva Pinto e Alexandre da Conceição; as apreciações dos escritos de Teófilo Braga; a sublimidade de algumas das suas poesias; a graça portuguesa de lei das suas comédias; a sinceridade dos seus escritos religiosos; a filosofia dos seus conceitos; as próprias manifestações do seu sarcasmo em episódios vulgares da convivência com amigos ou conhecidos de que posso dar-vos bem curioso exemplo na narrativa duma anedota algures colhida:

Camilo Castelo Branco, cuja vesânia de talento e saùdades do passado o levavam a visitas contemplativas ao Bom Jesus do Monte (muitas vezes interrompidas em meio por incompreendidos estados mórbidos da sua alma alanceada por grandes dores morais), condescendeu, numa das suas visitas a Braga, em se fazer ouvir num grupo de amigos e admiradores, num dos cafés *da* Arcada *—o soalheiro da maledicência da velha cidade.*

Abancou num dos botequins que, como o testemunha no seu livro Duas horas de leitura, *por variados filtros fabricava café* forte*; e, uma vez ali, deixava correr à desfilada o seu espírito de cavaqueador malicioso, quando notou que, na roda, um dos assistentes caía em profunda meditação diante dum cálice de cana, o terceiro a emborcar após um daqueles copos de café* em forma de sino com a porca para baixo, *que eram a delícia com que a fina sociedade bracarense daquele tempo se lambia para espevitar a memória na crítica dos casos do dia.*

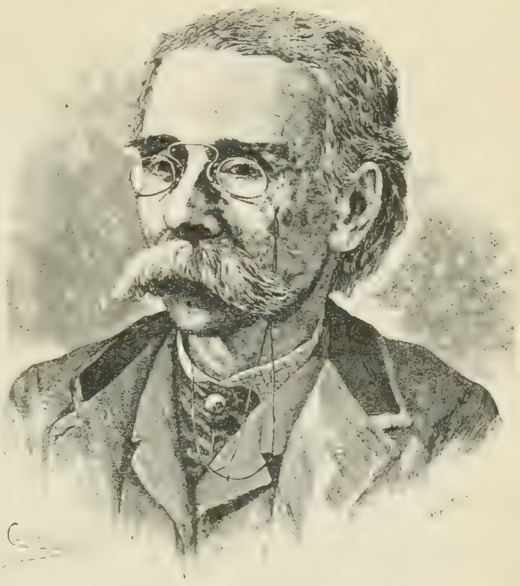
Estava o meditabundo M. F. de pupila baixa, mãos juntas, semblante seráfico e ar melancólico, perdido, quando Camilo o chamou à realidade das cousas e quis saber por que regiões do intangível ou por que mistérios da antiguidade o seu imaginar andava irradiando.

—Pensava agora, esclareceu o absorto e devoto fidalgo M. F., pondo nas suas palavras uma pausa grave e solene de íntima compostura, na sagrada Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo!

Camilo sorveu um frouxo de riso, e obtemperou de seguida:

—Efectivamente tem você diante dos olhos os emblemas da paixão: o cálice *da amargura, a* cana, *a* esponja, *que é você, e a* cruz *que nós levamos em aturá-lo!*

Não quero deixar de salientar-vos quanto o temperamento impulsivo do escritor o arrastava por vezes, nos ardores da polémica, a violências que nem sempre um severo espírito de justiça inspirou. Estão neste caso as polémicas célebres com Silva Pinto e Teófilo Braga, que ao Mestre retorquiram em boa moeda exacerbando-lhe o ânimo para novos ímpetos de redobrado furor. Num curioso autógrafo que possuo, o romancista, pedindo a alguêm, cujo nome devo ocultar, elementos para continuar a polémica encetada com Silva Pinto, escreve expressivamente:



Desenho de Condeixa
Gravura em madeira de F. Pastor—1886

Meu amigo:

Não se esqueça de me comunicar o que souber a respeito do Silva Pinto. Necessito de eliminar dos meus futuros orçamentos esta verba, se a isso fôr obrigado, e silenciosamente, como convêm a dois homens de letras, *sem câmbio.*

¡E, contudo, singular temperamento o seu! Silva Pinto devia ser mais tarde o seu discípulo amado, e à morte quási simultânea de dois filhos de Teófilo Braga dedicava êle o admirável soneto

A maior dor humana, que nos vai dar mais uma belíssima amostra do seu talento de poeta, valorizado pela leitura da distinta actriz Leonor Faria.

. . . .

Grande em tudo, no romance, no teatro, na crítica e na poesia, quer escrevendo as páginas lancinantes do *Amor de Perdição* ou gargalhando as ironias de *A corja,* as scenas soberbamente ridículas do *Morgado de Fafe,* brandindo o azorrague da crítica nos *Críticos do Cancioneiro* ou na *Questão da Sebenta,* desferindo na lira os sentidíssimos versos de *A maior dor humana,* um dos três mais belos sonetos da nossa língua, e português acima de tudo, êle, que nunca abandonou a sua e nossa linda terra, deixou construída a sua obra, no justo dizer de Manuel Laranjeira, *com a argamassa das cousas que nunca morrem—o riso imortal e as lágrimas imortais.* Enriqueceu a língua portuguesa, a mais rica de todas, com termos novos, muito seus, que seria curioso reùnir num dicionário camilesco. E do mesmo passo vibra nas suas páginas soberbas o espírito estranho da nossa raça, ao mesmo tempo aventuroso e indolente, românticamente brigão, violento e forte como uma soalheira de Junho, triste e sonhador como as dolências do fado que tanto o caracterizam, e dum mordente sarcasmo que tornou proverbial a chamada chalaça portuguesa. Dessas páginas monumentais já vos deu um belo exemplo o grande actor Ferreira da Silva, lendo uma passagem torturante do *Amor de Perdição.* Outro vai êle dar-vos agora com a leitura duma página do *Eusébio Macário,* descritiva da morte dum lôbo no scenário esplendoroso das nossas serranias do norte, em noite álgida de Novembro, varado a tiro por um padre fragueiro e apaixonado a quem a fera sai a estorvar o passo no caminho do lugarejo da sua bem querida.

. . . .

É tempo de preguntar: ¿que fez a Pátria *reconhecida* ao seu filho, tam grande como desgraçado, 24 anos volvidos sôbre o seu trágico suìcídio, ela que indiferente viu passar o seu pobre funeral?

¿Erigiu-lhe um monumento?

¿Abriu-lhe sequer as portas do seu Panteom?

¿Fez da casa de Seide um piedoso Museu Camiliano, onde do mesmo passo funcionasse uma escola primária?

¿Reùniu toda a sua obra, todas as suas cartas, todos os seus papéis numa edição monumental, ilustrada pelos nossos melhores artistas, documentada pelas elevadas capacidades intelectuais que o conheceram, anotada por Teófilo Braga, por exemplo, ou pelo Dr. Ricardo Jorge?

¿Proveu os seus infelizes netos em quaisquer modestos lugares públicos que lhes garantissem o pão humilde de cada dia?

A Pátria tinha mais em que pensar, e afixada na casa do Largo do Carmo, em que êle nasceu, uma lápide vergonhosamente errada, voltou-se, de consciência tranqùila, para o político em evidência e o cacique no momento utilitário.

Os amigos, êsses fizeram-lhe simplesmente isto: conseguiram-lhe em vida o título de visconde e votaram-lhe em Côrtes, para o seu filho louco, a parca esmola dum conto anual. ¡Morto o colosso, o Estado, a muito custo, subsidiou-lhe miserávelmente a menoridade dos netos, graças aos esforços de Silva Pinto e Alberto Pimentel, e deixa-lhe apodrecer o cadáver num jazigo de empréstimo!

Camilo parecia prever o futuro quando escrevia, em 1874, em carta a Vieira de Castro:

Sinto-me no cabo da vida e tenho maior pejo da posteridade que dos meus contemporâneos.

De fotografia—1857

Dos literatos e artistas da velha geração falharam as tentativas de poucos e escasseou a vontade de quási todos para se levar a cabo uma homenagem condigna à sua memória. Os esforços de hoje da Renascença Portuguesa, a admirável agremiação de Arte da minha linda terra, que pretende coroar a sua obra de educação e ensino com esta consagração justíssima, ignoram ainda se os filhos da geração que conheceu o Mestre sofrem ainda dos prejuízos que levaram seus pais, os traficantes do Pôrto, a esboçar risos alvares à passagem do seu entêrro, esfregando mãos satisfeitas às portas dos seus estabelecimentos.

Abriu-se em tempos uma subscrição pública para que fôsse erigida uma estátua a Camilo, com a coadjuvação da imprensa, do estatuário Teixeira Lopes e do falecido rei D. Carlos, que subscreveu com 500$00. O produto dessa subscrição subverteu-se no abismo insondável do cofre municipal de Lisboa! A imprensa calou-se, farta de prègar no deserto. Teixeira Lopes, insigne merceeiro de Arte de Vila Nova de Gaia, tendo uma detestável *maquette* do monumento pronta para a primeira oportunidade, não fez a estátua porque não lha pagavam bem e não tinha disponível a um canto do *atelier* um bloco de mármore onde ao menos lhe inscrevesse o nome sem esperanças de remuneração. Por sua parte Silva Pinto, o Discípulo Amado, conseguindo que os netos do mestre não morressem de fome, encolhia os ombros cheio de nojo e voltava costas à corja.

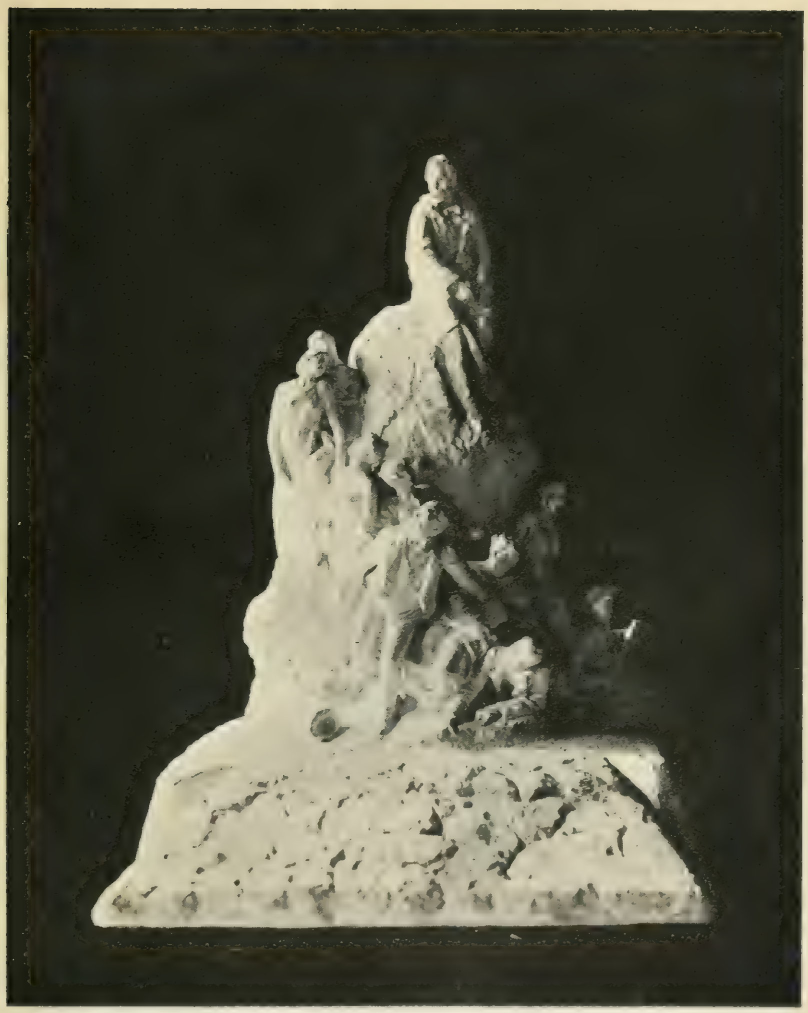
Esta vergonha nacional, esta monstruosidade que me envergonha a mim de ter nascido português, mais uma vez vem à supuração em que, tarde ou cedo, rebentam todos os ocultos leicenços das sociedades civilizadas, pelo projecto de lei apresentado ao Parlamento, a que já me referi, garantindo a subsistência a uma neta solteira do grande escritor.

Dever de todos os portugueses fôra já terem ido em piedosa romagem à tebaida de Seide, evocar sob as fôlhas da acácia que o Jorge, o pobre louco, plantou, a sombra grandiosa do Mestre, e dar-lhe numa praça pública a sepultura digna do seu cadáver colossal—a base do seu monumento.

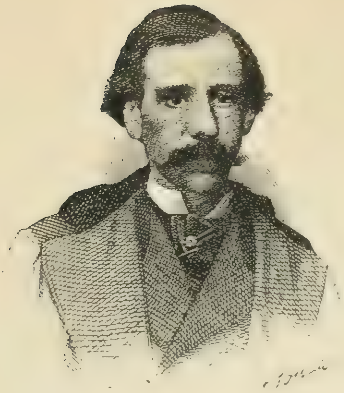
O projecto de lei, êsse lá está entre a papelada da comissão de finanças da Câmara dos Deputados, quiçá esperando eternamente a hora de ser submetido à apreciação dos ilustres pais putativos da Pátria. Bacoreja-me a minha freqùência diária das tribunas da imprensa das duas casas do Parlamento que alguns dêles se preparam para o combater negando-lhe o seu voto. Fiquem estes com o labéu do seu acto—se assim o praticarem.

Vós, grandes artistas, para quem vai a minha gratidão pelo muito que me ajudastes neste devotado preito à memória do Mestre, e vós, Senhoras e Senhores que tam benévolamente me escutastes, ficareis comigo em frente da sua obra, como perante o *Desterrado,* de Soares dos Reis, outro incompreendido suìcida de génio, subjugados e comovidos, com a mesma impressão de atordoamento que nos causaria uma martelada no crânio, mas nunca inertes e mudos, sem um grito de protesto contra a ingratidão dos homens se êles deixarem morrer de fome os netos dum escritor que foi e será sempre —emquanto se falar a língua portuguesa— o *Maior de Todos.*

Em Lisboa. Noites de 22 e 23 de Abril de 1914.



Projecto de um monumento a Camilo, do escultor Teixeira Lopes



C. Castello Branco.

Retrato (gravura em talhe doce, do professor Sousa) publicado no 2.º volume da *Correspondência epistolar*—1874
O 1.º volume insere o retrato de Vieira de Castro

A maior e melhor parte dos retratos que nestas páginas se reproduzem são pertença do Ex.^{mo} Sr. José Vitorino Ribeiro, devotado camilianista e artista ilustre da Imprensa Nacional, que gostosamente consentiu na sua publicação deferindo instâncias do director do referido estabelecimento, que pela edição dêste trabalho velou com superior carinho e solicitude. Porque lhes fico devendo o melhor do livro aqui me apraz tributar-lhes indelével preito do meu reconhecimento, extensivo aos ilustres artistas do Teatro da República Srs. Ferreira da Silva e Leonor Faria pela sua tam valiosa como espontânea colaboração.

O. C.

DE OLDEMIRO CÉSAR

Livres—Revista de literatura e crítica, 24 números sob a sua direcção.
A corja—Número único. 1909.
Camilo Castelo Branco—Discurso proferido em S. Miguel de Seide na inauguração duma lápide em casa do escritor.
O teatro em fralda—Apontamentos de dois jornalistas malcriados. De colaboração com Rocha Júnior. 1 vol. ilustrado.

NO PRELO

Camadas ínfimas—Contos sem moral nenhuma. Com ilustrações de Sanches de Castro.
Feira da Ladra—Crónicas dum mal-humorado.

TRADUÇÕES

O carrasco—Peça em 1 acto, de H. Lenorman.
As penas do gaio—Comédia em 4 actos, de Jean Julien.
A sonâmbula—Comédia em 1 acto, de Courteline.
O Sr. Fonseca—Comédia em 1 acto, de Courteline. Representada no teatro Gil Vicente, do Pôrto.
A peste—Peça em 2 actos, de J. Aguzan. Representada no Teatro da República, de Lisboa.
Sempre casto—Vaudeville em 3 actos, de André Keroul e Albert Barrés. De colaboração com Lino Ferreira. Representado no Teatro Apolo, de Lisboa.
Contos escolhidos—De Anatole France.
Contos escolhidos—De Zola.
História de uma velha barca—De Alphonse Daudet.
Á conquista do planeta Marte.
A origem do homem—De Carlos Darwin. 2 vols.
Manual de higiene—De E. Galtier Boissière. 1 vol. ilustrado.
O amor através dos séculos—De V. Suarez Casan.
O terror na Rússia—De P. Kropotkine.
Duas aventuras de Sherlock Holmes—De Conan Doyle.

HA QUARENTA ANOS

(Do «Diario de Noticias» de quinta feira, 5 de Junho de 1890)

CAMILLO CASTELLO BRANCO Assistiram ao funeral o governador civil, presidente da camara municipal, alguns vereadores, administradores dos bairros, comissarios de policia, representantes da associação Comercial, Ateneu Comercial, Club Comercial, sociedade Camillo Castello Branco, gremio Serpa Pinto, sociedade Alexandre Herculano, club fluvial e de outras agremiações, os corpos docentes dos estabelecimentos de instrução superiores, directores e professores de colegios, professores de ensino livre e oficial, homens de letras, jornalistas, alguns oficiais militares, comerciantes, industriais chefes e funcionarios de diversas repartições publicas, etc. A cerimonia funebre foi presidida pelo conego Alves Mendes, amigo intimo do finado.

O templo estava todo revestido de crepes. Proximo ao arco do cruzeiro, foi colocado um pavilhão sob o qual estava um estrado com o feretro coberto com um pano de veludo franjado a ouro. A' cabeceira do caixão sobre uma almofada via-se a coroa de visconde coberta de crepes,

Aos lados do caixão dois plintos estando sobre um uma esfera e um oculo com o tripé, e sobre outra uma lira dourada tendo atravessada nas cordas uma pena, e junto da lira um livro.

No sopé do estrado proximo do caixão, estava aberto um volume da «Cruz» semanario religioso, em que Camillo colaborou; em volta do estrado, muitos tocheiros e plintos com fachos.

O «Diario de Noticias» foi representado naquela cerimonia pelo nosso estimado correspondente Silva Bravo.

Tambem assistiram ao funeral Antonio Azevedo Castelo Branco, sobrinho do grande escritor, e muitos representantes dos jornais de Lisboa. Recebeu a chave do caixão o sr. José Moreira da Fonseca governador civil. Falou o conego Alves Mendes com a conhecida eloquencia, arrancando lagrimas sinceras.

No cemiterio falaram tambem Joaquim de Araujo e Reis Santos em nome da academia portuguesa. Foram depostas corôas da redacção do «Comercio do Porto», da livraria Chardron, da filha, genro e neto, etc.—(Do nosso correspondente do Porto, S. B.)

Os Amigos

Amigos, cento e dez, ou talvez mais
Eu já contei. Vaidades que sentia:
Suppuz que sobre a terra não havia
Mais ditoso mortal entre os mortaes!

Amigos, cento e dez, tão serviçaes
Tão zelosos das leis da cortezia,
Que já farto de os ver me escapulia
Ás suas curvaturas vertebraes.

Um dia adoeci profundamente:
Ceguei. Dos cento e dez houve um somente
Que não desfêz os laços quasi rotos.

— Que vamos nós (diziam) lá fazer?
Se ele está cego, não nos pode ver!...
— Que cento e nove impavidos marotos.

Suicidou-se em 1 de ~~Maio~~ [illegible] de 1890

Preço $20

July 8

PQ Cesar, Oldemiro
9261 Camilo Castelo Branco
C3Z643

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 02 20 06 023 6